

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A Mudança em se Apaixonar: Nanossintaxe, Semântica, Cognição e Regência

Saulo Rogério Pacheco Rocha

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14908>

Submetido em: 2026-01-20

Postado em: 2026-01-28 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A Mudança em se Apaixonar: Nanossintaxe, Semântica, Cognição e Regência

The Change in 'se apaixonar': Nanosyntax, Semantics, Cognition, and Government

Saulo Rogério Pacheco Rocha (PG-UFSC/CAPES)¹

<https://orcid.org/0000-0003-3715-6706>

Resumo

Neste trabalho, investigo o fenômeno de mudança na regência do verbo “se apaixonar” no Português Brasileiro contemporâneo, caracterizado pela substituição da preposição canônica “por” pela preposição “em” (ex: *me apaixonei no samba*). Sob o arcabouço da interface entre Nanossintaxe e Semântica Formal (Ferreira, 2021), complementado por princípios da Linguística Cognitiva, lanço hipóteses para a análise do fenômeno e de sua motivação. Sustento que o uso de “em” reflete uma reanálise da estrutura argumental do verbo: o objeto da paixão deixa de ser projetado como um Agente Causador (aquele que deflagra o sentimento) para ser projetado como um Foco ou Localizador Abstrato. Argumento que essa mudança é impulsionada por analogia a um cluster (Bybee, 2010) de verbos de estado mental (como pensar em, focar em, ter crush em) e fundamentada na Metáfora do Recipiente (*Container Metaphor*) (Lakoff & Johnson, 2003), em que o estado de paixão é conceptualizado como um domínio de imersão. Formalmente, descrevo que a gramaticalidade da nova construção deriva da flexibilidade da arquitetura nanossintática: ao não projetar a estrutura funcional completa necessária para criar um lugar físico, a preposição “em” retém apenas seu conceito lexical de “inclusão/contato”. Isso permite que o falante utilize a preposição para marcar um “lugar nocional” (o alvo da paixão). Concluo que a forma “se apaixonar em” não constitui um erro, mas uma inovação sistemática, na qual a pressão do uso explora uma possibilidade formal da língua para expressar uma nova conceptualização do sentimento como foco e imersão.

Palavras-chave: Semântica Formal. Nanossintaxe. Regência Verbal. Apaixonar-se. Reanálise Semântica.

Abstract

In this work, I investigate the phenomenon of change in the government of the verb *se apaixonar* ('to fall in love') in contemporary Brazilian Portuguese, characterized by the substitution of the canonical preposition *por* ('by/for') with the preposition *em* ('in/on/at') (e.g., *me apaixonei no samba*). Under the framework of the interface between Nanosyntax and Formal Semantics (Ferreira, 2021), complemented by principles of Cognitive Linguistics, I advance hypotheses for the analysis of the phenomenon and its motivation. I maintain that the use of *em* reflects a reanalysis of the verb's argument structure: the object of affection ceases to be projected as a Causer/Agent (the one who triggers the feeling) and is instead projected as an Abstract Focus or Locative. I argue that this shift is driven by analogy to a cluster (Bybee, 2010) of mental state verbs (such as *pensar em*, *focar em*, *ter crush em*) and grounded in the Container Metaphor (Lakoff & Johnson, 2003), in which the state of passion is conceptualized as a domain of immersion. Formally, I demonstrate that the grammaticality of the new construction derives from the flexibility of the nanosyntactic architecture: by not projecting the full functional structure required to create a physical place, the preposition *em* retains only its lexical concept of “inclusion/contact”. This allows the speaker to use the preposition to mark a “notional place” (the target of the passion). I conclude that the form *se apaixonar em* does not constitute an error, but a systematic innovation, in which usage pressure exploits a formal possibility of the language to express a new conceptualization of the feeling as focus and immersion.

Keywords: Formal Semantics. Nanosyntax. Verbal Government. *Apaixonar-se*. Semantic Reanalysis.

¹ Doutorando em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL). Florianópolis/SC. eu@saulo.ru, saulorrrp@gmail.com.

1. Introdução

O estudo das preposições em língua portuguesa representa um campo fértil, mas complexo, para a investigação linguística. Consideradas frequentemente como elementos de função primordialmente relacional, as preposições codificam relações espaciais, temporais e causais, refletindo a estrutura argumental e a semântica subjacente dos predicados verbais. No Português Brasileiro contemporâneo (PB), se observa um fenômeno de variação na regência do verbo ‘se apaixonar’ que desafia a norma canônica e oferece evidências robustas para um processo de reanálise semântica e sintático-formal.

A regência tradicional, consagrada por obras de referência como o Dicionário Prático de Regência Verbal (Luft, 2008, p.59), estabelece a preposição *por* como a marca canônica do complemento pronominal: “*O rapaz se apaixonou pela (beleza da) moça*”. Nesta construção, a preposição *por* assume um papel temático de Causador ou Agente Externo, indicando que o objeto da paixão (*a moça* ou *sua beleza*) atua como a fonte que deflagra o estado emocional no sujeito Experienciador (o rapaz).

Em variação ao uso canônico, talvez expressão um sentido distinto, emerge de maneira produtiva no uso, especialmente visível em plataformas digitais e interações informais, a regência com a preposição *em* como em (1), (2), (3) e (4)² para argumentos e não adjuntos locativos

- (1) Apaixonei no teu vestido
- (2) Eu era completamente apaixonada nesse menino quando eu era criança vei
- (3) Quem não se apaixonou nessa atriz qnd viu esse filme não viveu direito
- (4) Eu me apaixonei no novinho da galoucura

Este uso, frequentemente estigmatizado por uma visão purista da língua como um desvio ou “erro gramatical” ou um “uso regional” é ignorado ou rejeitado por sua aparente incorreção locativa. No entanto, a alta produtividade e a consistência semântica dessa inovação sugerem que ela não é um erro aleatório, mas sim o um indício, ou um sintoma, de uma mudança estrutural na forma como os falantes do PB conceptualizam e representam o estado da paixão. O uso inovador da preposição *em*, no entanto, cria um novo contexto de ambiguidade, já que o sintagma preposicionado pode tanto ser um argumento do verbo ‘*se apaixonar*’ quanto um

² Para fundamentação deste trabalho, foi feita uma coleta exploratória/ilustrativa de dados no X/Twitter que serão utilizados como exemplo de maneira anônima, foram coletados 75 exemplos com os mais variados argumentos e adjuntos.

adjunto locativo, isto é, o local onde se deu a paixão *em* algo ou alguém, como nos exemplos (5), (6), (7) e (8):

- (5) Hj eu me apaixonei no mercado
- (6) Hoje eu me apaixonei no metrô
- (7) Me apaixonei no trânsito...
- (8) ele se apaixonou no crossfit, vai ficar pobre dnv

A preposição *em*, dessa forma, transita entre seu sentido locativo canônico (espacial) e um sentido nocional (abstrato/temático). Embora nomes como ‘*o mercado*’, ‘*o metrô*’ ou ‘*o trânsito*’ sejam pragmaticamente improváveis como objeto da paixão de alguém, é inegável que a nova regência do verbo instaura um contexto de ambiguidade estrutural. Nesses casos, o sistema linguístico precisa decidir se o sintagma preposicional deve ser processado como uma entidade espacial instanciada (onde o evento ocorre) ou como um argumento interno não-espacial (o alvo da afeição).

O presente trabalho tem como objetivo, portanto, investigar de maneira exploratória a motivação semântica para a substituição da preposição canônica *por* pela preposição *em*, adotando a formalização do fenômeno sob a ótica da Nanossintaxe e da Semântica Formal proposta por Ferreira (2021), de maneira a descrever formalmente o funcionamento da regência inovadora. Proponho, neste contexto teórico, que a concepção e representação do estado da paixão se dá a partir de uma reinterpretação do papel temático do argumento, que migra de Causador/Agente (marcado, na forma pronominal transitiva indireta pela preposição *por*) para Tema/Alvo/Localizador Abstrato (marcado pela preposição *em*). A hipótese central é a de que a regência com *em* é o resultado de um processo de reanálise semântica por analogia (Bybee, 2010), em que o verbo ‘se apaixonar’ é assimilado a um *cluster* de verbos de estado mental que exigem a preposição *em* para marcar o tema ou domínio do sentimento (e.g., *pensar em*, *ter crush em*, *se concentrar em*, *gamar em* etc.).

Para formalizar esta hipótese e a compreensão do fenômeno, adotarei o arcabouço teórico proposto por Ferreira (2021) em *Spatial Prepositions As kind-Level Predicates*, que decompõe a preposição *em* numa estrutura de predicado complexo:

1. O traço [Loc] (Locativo), que atua como Predicado de Realização (instanciação) de *kinds* espaciais (tipo <I>).
2. O CONCEPT{IN/ON/AT}, que é o significado lexical abstrato de inclusão/contato da preposição *em*.

Minha análise irá propor que o uso de *em* em “se apaixonar *em* X” corresponde à não-ativação do traço [Loc] (devido ao bloqueio por incompatibilidade de tipo, já que X é um indivíduo *e*), fazendo com que apenas o CONCEPT de inclusão abstrata persista, conforme o modelo de Ferreira (2021) propõe para usos não locativos da preposição.

2 Fundamentação Teórica & Análise Formal da Preposição “*em*”

A presente seção se dedica a descrever brevemente a teorização formal necessária para analisar o fenômeno da regência do verbo ‘*se apaixonar*’. Para tanto, como dito, adotei a interface entre Nanossintaxe e Semântica Formal conforme a proposta de Ferreira (2021). O modelo assume a distinção cognitiva entre Figura e Fundo (*Figure* e *Ground*), estabelecida por Talmy (2000 *apud* Ferreira, 2021), para fundamentar a natureza ontológica dos argumentos internos das preposições e sua formalização por meio de tipos lógicos.

2.1 Preposições como Predicados Instanciadores de *Kind* e a Ontologia Espacial

Ferreira (2021) argumenta que a ontologia, isto é, o inventário de coisas que se assume que existe para o funcionamento da língua, mobilizada nos estudos linguísticos deve incluir também entidades espaciais, que transcendem o domínio dos objetos ordinários. Essa proposta se baseia na constatação de que o argumento interno das preposições espaciais (o GROUND) não é apenas um indivíduo ordinário (um DP de tipo *e*), mas sim um indivíduo locativo de tipo $\langle l \rangle$ (localização).

A necessidade dessa distinção se apoia principalmente em testes como a anáfora espacial. Enquanto um objeto ordinário (de tipo primitivo *e*) não pode ser recuperado por dêiticos espaciais, o que seria evidenciado, segundo a autora, pela agramaticalidade de *lá* em (9b):

(9a) João está em casa → João está lá

(9b) Juan pensa em sua casa → *João pensa lá

(adaptado de Ferreira, 2021, p.296)

A autora define essa entidade espacial como um *kind* espacial (ou *l-kind*). Uma vez que sentenças de linguagem natural se referem a exemplares particulares e não à classe em si, o *l-kind* exige uma instanciação para ser concretizado, e essa função de realização é atribuída às preposições espaciais. Essa conclusão é validada pelo contraste de gramaticalidade:

(10a) Ana está na casa.

(10b) *Ana está casa.

A agramaticalidade de (10a) demonstra que o verbo *estar* não é um predicado capaz de manipular ou instanciar o *kind* espacial. Assim, se pode concluir que, se o argumento fosse meramente um DP (tipo *e*), a preposição *em* não seria estritamente obrigatória. (Ferreira, 2021, p. 292-293)

2.2 A decomposição nanossintática da preposição *em*

Para dar conta da Instanciação e da dualidade entre os objetos da preposição *em* (que podem ser *e* ou $\langle l \rangle$), o modelo Nanossintático de Ferreira (2021) decompõe a estrutura da preposição *em* numa hierarquia de núcleos funcionais:

1. Operador [Reg] (Região): É o traço *type-shifter* responsável por converter um DP ordinário (tipo *e*) num *kind* espacial (tipo $\langle l \rangle$), caso o falante utilize a preposição para se referir ao espaço que o indivíduo *e* ocupa.
2. PP (CONCEPT): Contém o significado lexical abstrato da preposição, que, para a preposição *em*, é a noção de “inclusão/suporte/contato”³: {IN/ON/AT}.
3. LocP (Traço [Loc]): É a cabeça mais alta que atua como o Predicado de Realização, sua função seria de selecionar o PP e, caso ativado, performar a Instanciação sobre o *kind*.

A autora, portanto, afirma que

Spatial prepositions, then, whether denote a place or a path, lexicalize a structure minimally composed of [LocP [PP]], which must be constructed as a com-plex specifier to the left of the nominal portion of the sentence that holds the spatial argument. (Ferreira, 2021, p. 293)

Desse modo, concluo que a interpretação espacial não é inerente à preposição *em* de forma absoluta, mas sim composicional. A leitura locativa é estritamente determinada pela presença do operador nanossintático [Reg] e pela consequente capacidade de ativação do traço [Loc]. A ausência dessa camada funcional, contudo, não inviabiliza a estrutura, mas restringe a interpretação ao nível do CONCEPT, um fato crucial para compreender o comportamento da preposição em contextos abstratos como o do ‘se apaixonar’.

³ Tradução minha

2.3 O mecanismo binário da interpretação

A validade do modelo de Ferreira (2021) reside em sua capacidade de explicar a variação entre o uso locativo e o uso nocional, que podem ser entendidos como um único mecanismo que opera de maneira binária:

- Cenário 1 - Uso Espacial, com núcleo [Reg] ativo: Neste cenário, o DP é reanalisado como espaço. O [Reg] ativo converte o DP ordinário tipo *e* em GROUND tipo *</>*. O [Loc] é ativado para instanciar o *kind*, e o CONCEPT da preposição é aplicado sobre a estrutura processada, o que resulta numa leitura locativa bem-sucedida (ex: “meu deus eu me apaixonei no ônibus as 07:36 não acredito nisso”).
- Cenário 0 - Uso Nocional/Não-Espacial, com o núcleo [Reg] ausente: Quando o argumento não se refere a um espaço, o [Reg] não é construído, o argumento mantém seu tipo primitivo *e*, a leitura se dá apenas a partir do CONCEPT da preposição (ex: “apaixonada nesse caminhoneiro que criou casinhas no caminhão para os cachorros viajarem com ele!”).

Consequência Formal do uso 0: A cabeça [Loc] exige um argumento do tipo *</>* para ser saturada, ao receber um argumento do tipo *e* (ou um *kind* não-espacial), o [Loc] é bloqueado por *type-mismatch*, o bloqueio do [Loc] elimina a função de Instânciação, não é mais possível interpretar o conteúdo de PP como um adjunto locativo. É o CONCEPT, a noção de inclusão/contato inerente ao PP que persiste em todo processo, permite o falante interpretar, portanto, o PP como um argumento interno Tema/Foco/Alvo/Locativo Abstrato do verbo ‘se apaixonar’.

2.4 O teste formal: a não-causalidade da regência *em*

Para ilustrar que a regência *em* representa a persistência do CONCEPT do PP e não permite a interpretação de Causalidade (típica de *por*), e que a mudança de regência é de fato uma reanálise do papel temático, consideremos a tupla contrastiva abaixo. O substantivo “samba” foi escolhido por sua ambiguidade ontológica, podendo ser lido como um evento/lugar (a roda de samba) ou como um conceito/gênero (o estilo musical):

Tabela 1: Exemplos e Testes

Num.	Regência	Sentença Base	Clivagem	Papel Temático	Leitura Causal/Argumental Preservada?
(11)	TD	O samba apaixonou as multidões ⁴	É pelo samba que se apaixonam as multidões.	Agente, paciente	Sim (Agente)
(12)	POR	As multidões se apaixonam pelo samba.	É pelo samba que se apaixonam as multidões.	Tema causador, experienciador	Sim (Causador)
(13)	EM	As multidões se apaixonam no samba.	É no samba que se apaixonam as multidões.	Localizador Abstrato/Tema vs adjunto locativo	Não (Revertido para Locativo)

(Elaborado pelo autor)

O contraste entre as formas *em* e *por* é revelado pela operação de clivagem: em (12), a estrutura ‘É pelo samba que’ recupera inequivocamente o Agente Causal; já em (13), a estrutura ‘É no samba que’ tende ao bloqueio dessa leitura de causa. É importante perceber, contudo, que a clivagem impõe uma restrição interpretativa à inovação: quando se tem o movimento do sintagma para a posição de foco, a leitura nocional (objeto da paixão) parece menos acessível e o sistema tende a recuperar o *default* locativo (o lugar do evento).

Isso demonstra, portanto, que a regência com *em* é estruturalmente distinta da regência com *por*. Enquanto *por* vincula o argumento como uma Causa forte o bastante para sobreviver ao movimento de foco, *em* depende da posição adjacente ao verbo para manter a leitura de ‘alvo da paixão’. Quando deslocado na clivagem, o sistema cognitivo recorre ao significado primário da preposição (Lugar), o que indica que o papel temático de Agente/Causador foi, de fato, eliminado na nova construção.

O *em*, dessa forma, falha em carregar a estrutura argumental de Causa. O fato de a clivagem recuperar o sentido locativo evidencia que o núcleo semântico da preposição é, de fato, a estrutura de Localização/Inclusão (o CONCEPT). A impossibilidade de manter a leitura causal valida a hipótese central de que o verbo, nesse uso, passou a codificar uma noção de

⁴ A relação entre *samba* e *a paixão das multidões* é uma adaptação do verbete de Luft (2008, p. 59).

imersão (estar ‘dentro’ do domínio da paixão) e não mais de passividade (ser atingido pela causa da paixão).

3 Aspectos Cognitivos e Sociais da Mudança: A interface sociocognitiva-nanossintática

A descrição do mecanismo interno, no entanto, não esgota a explicação do fenômeno. Resta propor hipóteses a respeito das questões fundamentais sobre mudança: Quais as possíveis motivações cognitivas para essa mudança, por que a reanálise selecionou especificamente a preposição *em* e não outra preposição disponível no sistema, como *de*, *com* ou *a*?

Para responder essas perguntas, é necessário transpor a barreira da sintaxe formal e adentrar o terreno da Cognição e do Uso, e estabelecer aqui uma ponte entre a Teoria Gerativa, de maneira mais específica Nanossintaxe e a Semântica formal, e a Gramática Baseada no Uso (Bybee, 2010) que, apesar de suas diferenças ontológicas, podem ser complementares. A tese que organiza essa complementaridade é a de que, enquanto o mecanismo formal permite o uso nocional, é o ambiente cognitivo e social que seleciona a preposição *em* como o alvo da mudança: o uso cria a pressão para a mudança, e a proposta nanossintática e semântica formal oferece a arquitetura modular que permite a mudança dentro da concepção gerativa de língua, perspectiva teórica à qual este trabalho se filia.

3.1 A Metáfora do recipiente e a conceptualização do sentimento

Sobre a segunda questão levantada na introdução, minha hipótese é a de que a escolha de *em* não é arbitrário; ela está profundamente enraizada na forma como os falantes conceptualizam estados abstratos. A Linguística Cognitiva, especificamente por meio da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 2003 [1980]), tem demonstrado há décadas que a mente humana tende a estruturar experiências subjetivas e abstratas (como a paixão, o amor, o tempo e o pensamento) em termos metafóricos de domínios concretos e espaciais.

No caso de verbos de estado mental, a metáfora mais óbvia para o caso da preposição *em* é a Metáfora do Recipiente (*Container Metaphor*). A sua proposta por Lakoff & Johnson (2003, p. 26) parte do fato de sermos seres físicos, separados do resto do mundo pela superfície da nossa pele e experimentamos o mundo como algo que está “fora” de nós, enquanto nós mesmos somos um recipiente com um “dentro” e um “fora”. O que torna a preposição *em* especialmente interessante do ponto de vista cognitivo, já que, se por um lado ela é capaz de estabelecer relações entre nossos corpos e o espaço que ocupamos, por outro ela é capaz de

relacionar estados mentais como estados que ocupam nossos corpos numa forma quase não-metafórica.

O estado emocional ou o objeto de foco mental é visto como um espaço delimitado, um “recipiente”, no qual o sujeito está inserido ou para o qual está direcionado. Como ilustrado em (14) e (15):

(14) Ele está pensando em você.

(15) Ela focou no problema.

Ao reanalisar a regência de ‘se apaixonar’ de *por* para *em*, os falantes estão operando uma mudança de perspectiva cognitiva a respeito da concepção relacional desse verbo. Na regência canônica com *por*, a paixão é conceptualizada como uma força externa que atinge o sujeito (uma conceptualização passiva), intermediada pela preposição que marca o Agente Externo, enquanto na regência inovadora com *em*, a relação se altera.

É crucial distinguir aqui a natureza dessa espacialidade: embora a estrutura sintática bloqueie a instanciação de um espaço físico concreto (o cancelamento do traço [Loc] e do tipo </> descrito anteriormente), a semântica lexical (o CONCEPT) preserva a noção primitiva de ‘inclusão’ e ‘interioridade’. Argumento, portanto, que, cognitivamente, essa estrutura residual é processada não como uma coordenada geográfica, mas como um recipiente metafórico. O estado de paixão passa a ser, portanto, um domínio de imersão. A reanálise sugere uma interpretação em que o objeto amado é conceptualizado como o *locus* da paixão; para o falante, o objeto é “onde a paixão ocorre” ou “onde o sujeito está imerso”, diferentemente da noção de ‘causa’ trazida por *por*. O sujeito se vale, assim, da estrutura abstrata da preposição para mapear um estado psicológico em termos de contenção e foco, sem implicar uma localização física impossível.

Essa motivação cognitiva encontra um paralelo na estrutura nanossintática proposta por Ferreira (2021). O CONCEPT de inclusão (IN), que é o núcleo semântico da preposição e *em*, pode ser entendido como a contraparte formal da Metáfora do Recipiente na medida em que intermedia as relações dos falantes com suas concepções espaciais, sejam eles *l-kinds* ou objetos nocionais.

3.2 A Seleção do *cluster*

Se a metáfora do recipiente nos dá meios para compreender a compatibilidade cognitiva, a Teoria dos Exemplos de Joan Bybee (2010) também pode nos apontar direções específicas de mudanças linguísticas deste tipo. Para Bybee, a gramática não é um conjunto de

regras estáticas, mas uma rede dinâmica de categorizações baseadas na frequência de uso e na similaridade fonética/semântica entre palavras. As construções linguísticas são armazenadas na mente dos falantes em *clusters* (agrupamentos) de exemplares. No Português Brasileiro, como era de se esperar, dada a Metáfora do Recipiente, existe um *cluster* bastante robusto e produtivo de verbos que denotam processos mentais, foco ou estados psicológicos e que exigem a preposição *em*:

- **Verbos de Foco/Atenção:** pensar em, se concentrar em, focar em, mirar em.
- **Verbos de Estado/Interesse:** se interessar em, deleitar em, se viciar em, se ligar em.
- Expressões/Gírias (Produtividade Recente): *ter crush em, estar gamado em.*

O verbo ‘se apaixonar’, semanticamente próximo a ‘se interessar’ ou ‘estar gamado’, foi atraído para a órbita deste *cluster*, após a mudança que terminou a distinção *causativa* de sua concepção. Contudo, é importante notar que a reanálise não ocorre num vácuo de opções. Existem outros *clusters* de verbos semelhantes e que exigem a preposição “de”, que poderiam, em tese, servir de modelo para a mudança:

- **Verbos de Memória/Cognição:** se lembrar de, se esquecer de, se recordar de, duvidar de.
 - Nestes casos, a preposição *de* marcaria a origem ou o assunto do processo mental.
- **Verbos de Sentimento/Afeição:** gostar de, cuidar de, ter medo de, ter orgulho de.
 - Aqui, “de” marcaria a fonte ou o motivo do sentimento, diferentemente de *por* nesses casos, que tende a marcar um Agente Externo ou Causador ativo no sujeito (verbo+de / ser+verbo+por).

A existência desses *clusters* alternativos torna a escolha de *em* ainda mais significativa. A reanálise de ‘se apaixonar’ não migrou para o cluster do *de* (que marca memória/origem ou sentimento passivo), mas sim especificamente para o cluster do *em* (que marca foco imersivo e atenção ativa). Isso sugere que a paixão está sendo conceptualizada contemporaneamente mais como um estado de foco intenso ou imersão do que como um sentimento de origem ou memória.

Curiosamente, segundo o Dicionário de Regência de Luft (2008, p. 59), a regência de “se apaixonar” com a preposição *de* é uma das aceitáveis canonicamente (apaixonou-se da moça); ainda que se encontre em desuso devido à sua arcaicidade. O fato de o falante brasileiro rejeitar a opção arcaica *de* (disponível na norma e na história da língua) e inovar com *em*

(disponível na analogia com focar/interessar) reforça a tese de que a mudança é motivada pela busca de uma expressividade cognitivamente justificada, específica de inclusão/foco, oriunda duma nova concepção do verbo, que é análoga aos estados mentais incluídos na Metáfora do Recipiente. O falante, ao inovar, não escolhe aleatoriamente uma preposição nocional; ele seleciona a preposição que marca a categoria semântica na qual ele está reinserindo o verbo se apaixonar.

4. Considerações Finais

O presente trabalho buscou lançar hipóteses para a compreensão de variação/mudança de regência no verbo ‘se apaixonar’ no Português Brasileiro, propondo uma análise que integra a descrição formal da Nanossintaxe com os princípios da mudança linguística baseada no uso. Não foi minha intenção, dada a extensão deste trabalho, esgotar o fenômeno, suas descrições, interpretações e investigações.

A aplicação do modelo de Ferreira (2021) se demonstrou eficaz para explicar a gramaticalidade da construção inovadora. Ao decompor a preposição *em* nos núcleos [LocP] e [PP], foi possível formalizar a distinção entre o uso espacial (que exige a Instanciação de um *kind* espacial via [Loc]) e o uso nocional observado nos dados. A evidência empírica, constituída por argumentos humanos e abstratos que rejeitam a leitura espacial, confirma que a regência inovadora opera por meio do bloqueio do traço [Loc] e da persistência do CONCEPT de inclusão abstrata. Este estudo propôs um modelo explicativo para a causa da mudança.

Proponho que a substituição de *por* por *em* reflete uma reanálise profunda da estrutura argumental do verbo: o papel temático do objeto migra de Causador para Foco/Localizador Abstrato. Esta reanálise não ocorre no descontextualizada, mas é impulsionada pela força analógica de um *cluster* (Bybee, 2010) de verbos de estado mental (*pensar em, focar em, ter crush em*) já estabelecido na língua. A preposição *em* é selecionada como o alvo da mudança porque ela é o marcador cognitivo desse *cluster*, de verbos entendidos no escopo da Metáfora do Recipiente (Lakoff & Johnson, 2003).

Concluo, portanto, que a inovação “se apaixonar em” não é, sob qualquer hipótese científica, um “erro gramatical” ou assistemático, mas sim o resultado de uma mudança na concepção cognitiva e formal do verbo, o que, a partir duma convergência entre a disponibilidade de um mecanismo formal e uma forte motivação cognitiva e social, levou a criação de uma forma alternativa com um novo paradigma de regência.

5. Referências

BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FERREIRA, Thayse Letícia. Spatial prepositions as kind-level predicates: on the existence of spatial entities. *ReVEL*, edição especial, v. 19, n. 18, [INSERIR PÁGINAS AQUI], 2021. Disponível em: revel.inf.br/es/edicoes/?id=60. Acesso em: 17 dez. 2025.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

6. Declaração de Conflitos de Interesses

O autor declara que a pesquisa foi conduzida na ausência de quaisquer relações comerciais ou financeiras que possam ser interpretadas como um potencial conflito de interesses.

7. Declaração de Disponibilidade de Dados de Pesquisa

Todos os dados relevantes gerados ou analisados durante este estudo estão incluídos neste artigo pré-publicado.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.